

Homofobia: uma praga cristã. Homophobia: a Christian plague.



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i2.1964>

Luiz Mott

Professor Titular de Antropologia aposentado da UFBA

Decano do Movimento Homossexual Brasileiro

luizmott@oi.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-3598-7007>

Resumo: Os homossexuais são os mais odiados dentre todos os grupos minoritários, explicando-se tal intolerância porque o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio. A lgbtfobia cultural e institucional contaminam inclusive as próprias vítimas: gays, lésbicas e transgêneros, que em sua maior parte vivem numa espécie de vácuo identitário e sob o efeito perverso da alienação, com baixa autoestima, incapazes de iniciativas em defesa da própria cidadania. Este artigo apresenta algumas prioridades para tentar reverter este quadro perverso.

Palavras-chave: LGBTfobia, grupos minoritários, crime hediondo.

Abstract: Homosexuals are the most hated of all minority groups, explaining such intolerance because the love between people of the same sex has long been considered a heinous crime, condemned as an abominable sin, hidden through a true plot of silence. Cultural and institutional violence contaminate even the victims themselves: gays, lesbians and transgenders, who for the most part live in a kind of identity vacuum and under the perverse effect of alienation, with low self-esteem, incapable of initiatives in defense of their own citizenship. This article presents some priorities to try to reverse this perverse framework.

Keywords: LGBTphobia, minority groups, heinous crime.

Recebido em: 06/10/2016 – Aceito em: 10/01/2017

Introdução

“Praga” tem várias acepções em nossa língua: significa maldição. Pode ser também desgraça, flagelo, peste. É sinônimo de erva daninha: que causa dano, algo nocivo, malvado. O então papa Bento XVI declarou recentemente que “o segundo casamento de divorciados é uma praga”. A Aids foi chamada inicialmente de “peste *gay*”. Portanto, nada mais cristão e atual do que o conceito de “praga” associado à homotransfobia.

Tal é o objetivo deste ensaio: demonstrar que a lgbtfobia – este ódio irracional contra os/as transsexuais e homossexuais – é uma verdadeira praga inspirada e legitimada pelas três religiões abraâmicas:

judaísmo, cristianismo e islamismo. Preconceito odioso, que assim como o machismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, são verdadeiras maldições, desgraças, flagelos, pestes, ervas daninhas, sentimentos e comportamentos diabólicos que impedem a mais de 10% da humanidade, vítimas da lgbtfobia, o exercício elementar de seus direitos humanos e de cidadania plena. Estas reflexões são um alerta e um libelo contra a praga do racismo anti-homo/transsexual.

Nos últimos quatro mil anos, nas diferentes civilizações que serviram de matriz à cultura ocidental, e na nossa própria sociedade, a homossexualidade foi rotulada por diversos nomes atrozes que refletem o alto grau de reprovação associado a esta *performance* erótica: abominação, crime contra a natureza, pecado nefando, vício dos bugres, abominável pecado de sodomia, velhacaria, descarração, desvio, doença, viadagem, frescura etc. E os homossexuais e transgêneros – mais os do sexo masculino do que as lésbicas – foram condenados a diferentes penas de morte: apedrejados, segundo a Lei Judaica; decapitados, por ordem do Imperador Constantino a partir de 342 d.C.; enforcados, afogados ou queimados nas fogueiras da Inquisição, durante a Idade Média e até os tempos modernos; despedaçados na boca de um canhão, como ocorreu com um índio Tibira no Maranhão colonial, executado por ordem dos missionários capuchinhos; queimados pelos nazistas nos campos de concentração. Hoje, no Brasil, a cada 28 horas, um *gay*, travesti, transsexual ou lésbica é brutalmente assassinado, vítima da *lgbtfobia* – este ódio irracional à diversidade sexual, fazendo de nosso país o campeão mundial destes crimes de ódio sexual: 5.266 assassinatos nas três últimas décadas.¹

Se de um lado a “causa” da homotranssexualidade é controversa e nebulosa, e interessa pouco aos próprios amantes do mesmo sexo e transgêneros a sua identificação, a ciência etno-histórica indica que a homofobia tem suas raízes fincadas na tradição abraâmica, já que Abraão é o patriarca das três religiões mais lgbtfóbicas da história humana. Há mais de quatro mil anos, os machos donos do poder perceberam o caráter ameaçador, político e revolucionário das relações unissexuais e travestismo. Daí transformar o sexo e amor entre pessoas do mesmo gênero em crime abominável e o mais detestável de todos os pecados. Hoje, quando se ouve de norte a sul do Brasil esta sentença de morte: “*viado tem mais é que morrer!*”, repetida há pouco pelo deputado Bolsonaro, inconscientemente está-se repetindo o milenar veredicto atribuído à própria vontade divina: “o homem que dormir com outro homem, como se fosse mulher, deve ser apedrejado!”².

O preconceito homofóbico tem como justificativa não apenas o desperdício do sêmen, visto como uma espécie de controle perverso da natalidade, mas teme-se também, mais que a peste, a ameaça desestabilizadora representada pelos amantes do mesmo sexo e transgêneros, na medida em que estruturantes costumes tradicionais são colocados em xeque pelo revolucionário estilo de vida dos *gays*: o sexo-prazer desvinculado da procriação, a tentação da androginia e da unissexualidade, o questionamento da naturalidade da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero, o amor livre, o *safe sex* (MOTT, 2002b).

Quando se fala em discriminação, via de regra, cada minoria procura puxar o quanto pode a brasa para mais perto de sua sardinha. Há contudo evidências sólidas confirmando que *gays*, *lésbicas*, *bissexuais*, *travestis* e *transsexuais* são as principais vítimas do preconceito e discriminação dentro de nossa sociedade. É exatamente por esta situação de maior vulnerabilidade que os LGBT carecem de maior e mais urgente atenção por parte do poder público e da sociedade em geral, na implementação de legislação defensiva e ações afirmativas que garantam a salvaguarda de seus direitos humanos e da plena cidadania da população LGTB.

¹Cf. dados disponíveis em: <<https://homofobiamata.wordpress.com>>.
²Levítico, 20,13.

Homossexuais: Os mais discriminados

Eis um decálogo explicativo e comprobatório de que dentre todas as minorias sociais, os praticantes do “amor que não ousava dizer o nome” são os mais discriminados em nossa sociedade “cristã”.

Crime Hediondo

Na nossa tradição ocidental, herdeira da moral judaico-cristã, o amor entre pessoas do mesmo sexo foi considerado e tratado como crime dos mais graves, equiparado ao regicídio e à traição nacional. O sexo entre dois homens era considerado tão horroroso que os réus deste delito hediondo deviam ser punidos com a pena de morte: a pedradas entre os antigos judeus e até hoje nos países islâmicos fundamentalistas; decapitados, no tempo dos primeiros imperadores cristãos; enforcados ou afogados na Idade Média; queimados pela Santa Inquisição; condenados à prisão com trabalhos forçados no tempo de Oscar Wilde e na Alemanha nazista (DYNES, 1987; LEVER, 1985).

Só em 1821 é abolida a Inquisição Portuguesa e em 1823, por influência modernizante do Código de Napoleão, a sodomia deixou de ser crime também no Império do Brasil. Apesar de terem sido des-criminalizados há quase dois séculos, *gays*, lésbicas e travestis continuam sendo tratados como criminosos: nas delegacias, nas batidas policiais, os LGBT são sempre visto e tratados como delinquentes. Mesmo quando vítimas, são tratados como réus (MOTT, 1997).

Pecado Abominável

“De todos os pecados, o mais sujo, torpe e desonesto é a sodomia. Por causa dele, Deus envia à terra todas as calamidades: secas, inundações, terremotos, pestes. Só em ter seu nome pronunciado, o ar já fica poluído.” (VIDE, 1853).

Tal foi o ensinamento repetido por rabinos, felás, padres e pastores ao longo dos últimos quatro mil anos. O amor entre dois homens foi considerado pecado tão abominável que não deve sequer ser pronunciado – “nefando” ou “nefário” significa exatamente isso: impronunciável, o pecado cujo nome não se pode dizer o nome.

De acordo com a teologia moral cristã, um homem amar o outro era pecado mais grave do que matar a própria mãe, escravizar outro ser humano ou a violência sexual contra crianças. “Por causa da sodomia, Deus arrasou Sodoma e Gomorra e destruiu a Ordem dos Templários num só dia!” (MOTT, 1992, p. 703-738).

Na tradição ocidental, cabe ao Judaísmo a culpa principal pela legitimação da intolerância anti-homossexual, posto ter sido o Antigo Testamento que forneceu as mesmas premissas homofóbicas para o cristianismo e islamismo. Foi Javé quem primeiro mandou apedrejar “o homem que dormir com outro homem como se fosse mulher”, cabendo ao apóstolo Paulo, ex-fariseu, a argumentação teológica para excluir os sodomitas do Reino dos Céus (BOSWELL, 1994).

Ainda hoje vigora a pena de morte contra os amantes do mesmo sexo numa dezena de países fundamentalistas islâmicos no Oriente e África. Malgrado a homossexualidade ser chamada, durante a Idade Média, com justiça, de “vício dos clérigos”, os últimos papas destacaram-se pela intolerância anti-homossexual, tanto que, segundo o atual Catecismo Romano, o homossexualismo é considerado “intrinsecamente mau” (GRAMICK, 1988). O atual Papa Francisco trouxe uma brisa de esperança ao declarar bombasticamente “quem somos nós para condenar os *gays*!”, muito embora mantenha a célebre e cruel postura de amar o pecador mas odiar o pecado...

Enquanto a Igreja vem pedindo perdão a todos os grupos sociais por ela perseguidos ou maltratados – judeus, negros, índios, protestantes etc. –, a hierarquia católica e sobretudo as novas seitas protestantes fundamentalistas radicalizaram seus discursos e ações contra os direitos humanos e a dignidade das minorias sexuais. Mesmo as religiões afro-brasileiras, cujo panteão é povoado por diversas divindades transexuais e cujos pais, mães e filhos de santo, em número significativo, são praticantes do homoerotismo, mesmo o candomblé e umbanda ainda não articularam um discurso politicamente coerente em defesa da visibilidade e afirmação das minorias sexuais.

Homofobia Internalizada

Durante centenas de gerações, nossos antepassados ouviram nos púlpitos e confessionários que a homossexualidade era o pecado que mais provoca a ira divina. Ainda recentemente o Cardeal do Rio de Janeiro e muitos pastores proclamaram que a Aids, por eles chamada de “peste *gay*”, era um castigo divino contra os homossexuais (MOTT, 1985). Durante séculos, nossos antepassados reprimiram seus filhos homossexuais e transexuais, pois toda a família perdia os direitos civis por três gerações seguidas, caso um seu membro fosse condenado pelo crime de sodomia. No tempo de nossos pais e avós, os donos do saber médico proclamaram que os “pederastas” eram doentes, desviados, neuróticos, anormais etc., submetendo-os a tratamentos cruéis e inócuos (GREEN, 2000). Desde Freud, contudo, comprovou-se que todos somos *perversos polimorfos*, com forte presença da bissexualidade em nossa libido. Kinsey descobriu, já em 1948, que 37% dos norte-americanos brancos tinham experimentado, na idade adulta, ao menos dois orgasmos com o mesmo sexo.

O ódio mórbido contra a homossexualidade é diagnosticado pela Psicologia de *homofobia internalizada* e de *egodistonia* pela Psicanálise, provocando nestes doentes, sintomas diversos (além de mau humor, espinhas e prisão de ventre...), incluindo neurose de frustração sexual, suicídio e atos de violência, como agressões e o assassinato sádico de LGBT.

Opressão Familiar

Enquanto para os membros das demais minorias sociais a família constitui o principal grupo de apoio no enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, no caso dos LGBT é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes (GRIFFIN, 1986).

A mãe negra, o pai judeu, a família indígena reforçam a autoestima étnica ou racial de seus filhos, estimulando a afirmação dos traços culturais diacríticos que auxiliarão vitalmente a estas crianças e adolescentes desenvolverem sua autoestima, identidade, orgulho e afirmação enquanto grupo étnico, racial ou religioso diferenciado. Com os jovens *gays*, lésbicas e transgêneros a realidade é tragicamente oposta: pais e mães repetem o refrão popular – “prefiro um filho morto do que viado!” ou “antes uma filha puta do que sapatão!”. Muitos são os registros de jovens homossexuais que sofreram graves constrangimentos e violência psíquica e física dentro do próprio lar quando foram descobertos: insultos, agressões, tratamentos compulsórios destinados à “cura” da sua orientação sexual, expulsão de casa e até casos extremos de execução. Recentemente, num bairro periférico de Salvador, um avô espancou seu neto negro até à morte quando descobriu que era *gay*, e um pai baiano de classe média, ao ser informado que seu filho era homossexual, deu-lhe um revólver determinando: “Se mate! Na nossa família nunca teve viado!” (MOTT, 1995).

Conspiração do Silêncio

Durante os últimos quatro mil anos, a homossexualidade foi chamada de “pecado nefando”, o que não pode ser pronunciado. De fato, as principais instituições donas do poder, da família às igrejas, da escola à polícia, se uniram para impedir que os praticantes do *amor proibido* divulgassem a verdade: que é bom ser *gay*, que é gostoso o erotismo entre pessoas do mesmo sexo, que duas mulheres podem perfeitamente se amar de forma tão intensa e romântica como os casais do sexo oposto, que a própria natureza humana pode ser alterada, e uma pessoa transexual tem o direito de adaptar sua anatomia e genitália à sua identidade de gênero (COUTO, 1999).

Esta ardilosa conspiração do silêncio incluiu também, entre suas estratégias, não só a destruição das fontes documentais comprobatórias da homossexualidade de personagens célebres, como também a heterossexualização dos amores destas celebridades, numa tentativa maquiavélica de cumprir o mandato inquisitorial: “que os sodomitas sejam queimados e reduzidos a pó, para que deles não se tenha memória!” (AGUIAR, 1926; BOSWELL, 1980).

Contemporaneamente, a mídia, a academia, os jornais diários perpetuam este diabólico complô do silêncio, censurando artigos que abordam o amor homossexual de forma positiva, sonogando informação sobre a orientação sexual de *gays* e lésbicas destacados, ou ridicularizando e divulgando preconceitos contra as minorias sexuais.

Luta Menor

Durante décadas seguidas, intelectuais e políticos de esquerda relegaram ao *status* de “luta menor” os estudos e a militância em favor dos direitos humanos das minorias sexuais. Sob o pretexto de que primeiro se devia derrubar o capitalismo e garantir pão e trabalho às classes trabalhadoras, transferia-se para um futuro remoto discutir e lutar pelos direitos sexuais e de gênero. *Gays* e lésbicas foram taxados de agentes da burguesia, e o homoerotismo como sintoma da decadência capitalista (GENTE, 1976).

Líderes negros e indígenas, dando as costas às evidências etno-históricas que comprovam a presença da homossexualidade na maior parte das sociedades tribais, acusaram o amor unissexual de ser vício colonialista (FORD; BEACH, 1979). Obviamente que a luta racial, pela igualdade de gênero e de orientação sexual é tão revolucionária e primordial quanto a luta do proletariado, posto que direitos humanos e cidadania não podem ser hierarquizados e limitados apenas a certos grupos e a seus projetos particulares, mas são comuns a todos os segmentos que formam a sociedade e que sofrem e são discriminados exatamente por ostentarem tais peculiaridades raciais, étnicas, sexuais, de gênero etc. Os direitos humanos são universais! (GREENBERG, 1988).

Homofobia Acadêmica

As Ciências, particularmente as Humanidades, têm a missão crucial de realizar pesquisas e divulgar conhecimentos sólidos visando destruir as prenoções, derrubar os preconceitos e impedir as discriminações baseadas em equívocos e dogmas religiosos. Lastimavelmente, no entanto, raríssimas são as universidades brasileiras que dispõem de áreas de pesquisa e programas voltados aos estudos da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular (MOTT, 2001). O amor homoerótico continua ainda tema nefando no meio acadêmico: professores e pesquisadores *gays* e lésbicas se vêem impelidos a permanecer na gaveta a fim de não sofrerem discriminações funcionais; muitos são os docentes que ainda usam a cátedra para divulgar opiniões negativas em relação à homossexualidade; alunos e alunas transexuais e homossexuais são discriminados por seus professores, vendo-se impedidos de assumir sua verdadeira identidade existencial; pesquisadores são desestimulados ou mesmo barrados por investigar

temas relativos à sexualidade humana. Muitos acadêmicos continuam agindo como “cães de guarda da moral hegemônica” (HOOKER, 1967; MOTT, 2003a).

Omissão Governamental

Tradicionalmente, a máquina estatal foi sempre utilizada para reprimir os amantes do mesmo sexo. Embora desde o fim da Inquisição a homossexualidade tenha deixado de ser crime, a Polícia e a Justiça passaram a ocupar a função dos antigos inquisidores, perseguindo, punindo, torturando os “pederastas” (MOTT, 1988).

A partir da revolução de Stonewall (Nova York, 1969), marco inicial do moderno movimento de defesa dos direitos humanos dos homossexuais, os países mais civilizados do mundo passaram a incluir os *gays*, as lésbicas e os/as transgêneros na agenda de grupos minoritários que deviam ser beneficiados por políticas garantidoras de sua visibilidade social e igualdade de cidadania.

No Brasil, lastimavelmente, as ações governamentais em favor da defesa dos direitos humanos dos homossexuais são ainda tímidas e insuficientes: data de 1996 o primeiro documento do governo federal a mencionar o termo “homossexual”, e mesmo aí, no *Plano Nacional de Direitos Humanos*, enquanto eram 22 as propostas de ações oficiais de superação do racismo, os homossexuais não mereceram sequer uma medida propositiva.³ Em 2004 foi lançado o alvissareiro *Programa Brasil sem Homofobia*, envolvendo onze ministérios e 54 ações afirmativas para a população LGBT, porém, menos de 10% das resoluções saíram do papel.⁴ Em 2015 o histórico Projeto de Lei 122 que previa a criminalização da homofobia foi arquivado por iniciativa da presidência da República.

Homofobia entre os Defensores dos Direitos Humanos

Mais grave do que o preconceito encontrado entre os líderes religiosos e acadêmicos é a homofobia observada por algumas lideranças de instituições voltadas à defesa dos direitos humanos. Hélio Bicudo, D. Aloísio Lorscheider, rabino Henry Sobel, por exemplo, famosos defensores dos direitos humanos, várias vezes divulgaram na mídia opiniões discriminatórias contra os homossexuais, opondo-se radicalmente ao reconhecimento legal da união civil entre pessoas do mesmo sexo (MOTT, 2000b). Não é raro lideranças negras proclamarem equivocadamente que a homossexualidade é fruto do colonialismo ocidental.

O complô do silêncio, do preconceito e da apartação social continua presente no discurso e na prática de certos líderes dos movimentos de direitos humanos. Não raramente, chegam alguns a argumentar que não existe paralelo nem equiparação entre a discriminação por raça ou gênero, e a discriminação baseada na orientação sexual. Infelizmente, os argumentos utilizados pelos que excluem os homossexuais da agenda dos direitos humanos inspiram-se em dogmas religiosos que insistem em demonizar o amor entre pessoas do mesmo sexo. É fundamental que as entidades e lideranças engajadas na luta pela cidadania reconheçam que direitos sexuais também são direitos humanos (MOTT, 2000c).

Alienação dos Homossexuais

Os *gays*, lésbicas e transgêneros devem representar quando menos 10% da população brasileira: 20 milhões de seres humanos presentes em todas as raças, grupos étnicos, classes sociais, profissões, idades, religiões. Os homossexuais e transexuais constituem talvez a única minoria que se faz presente em todas as demais minorias sociais. Não é por menos que um dos slogans mais queridos do movimento homossexual internacional é: “somos milhões e estamos em toda parte!”

Não obstante tal onipresença, estimamos que 90% dos homossexuais continuam

³ BRASIL, 1996.

⁴Disponível em: http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf.

presos dentro do armário, vivendo clandestinamente o que para todo ser humano é motivo de grande satisfação, reconhecimento público e orgulho: o amor. São tão fortes o preconceito, a opressão e a discriminação contra este grupo que a quase totalidade dos *gays* e lésbicas introjetou a homofobia dominante em nossa ideologia heteronormativa, tornando-se homossexuais egodistônicos, não assumidos. Devido a esta invisibilidade, deixam de fornecer modelos positivos para os jovens com orientação homófila, perpetuando assim a baixa estima e vergonha entre os amantes do mesmo sexo.

Enquanto negros, índios, mulheres, judeus, protestantes, albinos, idosos etc., cada vez mais afirmam publicamente e com orgulho suas identidades diferenciadas, *gays* e lésbicas clandestinos argumentam que sexualidade é coisa íntima, que não querem levantar bandeira, alguns militando em outros grupos minoritários ou votando em candidatos que levantam outras bandeiras, sem se identificar com aqueles que abertamente defendem a cidadania e visibilidade das minorias sexuais. Alienação é o melhor conceito para diagnosticar esta praga da falta de consciência dentro da comunidade LGBT (MOTT, 1993).

Erradicando a Praga da Homofobia

Para que *gays*, lésbicas e transgêneros brasileiros deixem de ser tratados como marginais e cidadãos de segunda categoria, urge a adoção destas ações afirmativas:

- 1 - Descriminalizar de vez a homossexualidade no maltrato que a polícia e a justiça dão às minorias sexuais, aprovando-se leis que condenem a discriminação sexual e de gênero com o mesmo rigor que o crime de racismo;
- 2 - Desconstruir os tabus religiosos que diabolizam o amor entre pessoas do mesmo sexo e a transexualidade, propondo às diferentes igrejas a promoção de pastorais específicas voltadas para as minorias sexuais;
- 3 - Erradicar a homofobia cultural que impede à sociedade heteronormativa reconhecer os direitos humanos e a diversidade das minorias sexuais, criando sentimentos de tolerância e solidariedade dentro das famílias para que respeitem a livre orientação e a identidade de gênero de seus filhos e parentes homossexuais e transexuais;
- 4 - Quebrar o complô do silêncio e divulgar informações corretas e positivas a respeito do “amor que não ousava dizer o nome”, desmascarando as falsas teorias que patologizam a homossexualidade e transgeneridade, ampliando as pesquisas acadêmicas que resgatem a história e dignidade das minorias sexuais;
- 5 - Substituir a homofobia reinante nos partidos políticos que tratam a cidadania homossexual como luta menor, ou pior ainda, propondo terapias de “cura”, erradicando dos grupos que defendem os direitos humanos qualquer tipo de manifestação de preconceito que viole a dignidade e cidadania plena da comunidade LGBT;
- 6 - *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais a assumirem publicamente sua identidade homossexual e de gênero, lutando pela construção de uma sociedade onde todos tenhamos reconhecidos nossos direitos humanos e cidadania plena.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Asdrúbal A. Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa. “Ordenações Afonsinas”, Livro V, Título XVII. *Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa*, v. XI, 1926.

BOSWELL, J. *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

- BOSWELL, J. *Same Sex Union in Pre-Modern Europe*. New York: Billard Books, 1994.
- BRASIL. *Programa Nacional de Direitos Humanos*. Brasília: Ministério da Justiça, 1996.
- COUTO, Edivaldo. *Transexualidade: o corpo em mutação*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- DYNES, Wayne. *Homosexuality: A research guide*. New York: Garland Publishing, 1987.
- FORD, C. S.; BEACH, F. A. *Patterns of sexual behavior*. London: Eyre & Spottiswoode, 1952.
- GENTE, Hans-Peter (Ed.). *Marxismus, Psychoanalises, Sex-Pol*. Frankfurt: Fischer, 1976.
- GRAMICK, Jeannine; FUREY, Pat. *The Vatican and Homosexuality*. New York: Cross Road, 1988.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. São Paulo: Edusp, 2000.
- GREENBERG, David F. *The Construction of Homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- GRIFFIN, Carol W.; WIRTH, Marian J. *Beyond Acceptance: Parents of Lesbians and Gays talk about Their Experiences*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986.
- HOOKER, E. The Homosexual Community. In: SIKMON, W. (Ed.). *Sexual Deviance*. New York: Harper and Row, 1967.
- LEVER, Maurice. *Les Bûchers de Sodome*. Paris: Fayard, 1985.
- MCCUBBIN, Bob. *The Gay Question: A Marxist Appraisal*. New York: World View Publishers, 1979.
- MOTT, Luiz. Aids: reflexões sobre a sodomia. *Comunicações do ISER*, n. 17, dez. 1985.
- MOTT, Luiz. *Justitia et Misericordia: a Inquisição Portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia*. In: NOVINSKY, A.; CARNEIRO, M. L. Tucci (Orgs.). *Inquisição: Ensaios sobre mentalidade, heresias e arte*. São Paulo: Edusp, 1992. p. 703-738.
- MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.
- MOTT, Luiz. Os políticos e os homossexuais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1993.
- MOTT, Luiz. Violência sexual infanto-juvenil. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 de outubro de 1995.
- MOTT, Luiz. *Homofobia: a violação dos Direitos Humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil*. San Francisco: International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997.
- MOTT, Luiz. *A cena gay em Salvador em tempo de Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000a.
- MOTT, Luiz. *Violação dos Direitos Humanos e assassinato de homossexuais no Brasil*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000b.
- MOTT, Luiz. *Assassinato de homossexuais. Manual de coleta de informação, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000c.
- MOTT, Luiz. *Matei porque odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002a.
- MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura*, Revista do NEHAC, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 10-17, 2002b.
- MOTT, Luiz. *Intelligentsia homossexual e militância gay no Brasil - de taturana a borboleta: a metamorfose de um antropólogo enrustido em militante gay*. In: _____. *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003a.
- Luiz. *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Editora GGB, 2003b.
- VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707*. São Paulo: Tipografia 2 de fevereiro, 1853.